

MORTES

Um jornal diz que foi vendido o Hotel Avenida e que em seu lugar vai ser construído um grande edificio. Isso quer dizer que aquilo tudo vai acabar: a Galeria Cruzeiro, a Brahma, o Americano, o Nacional, o caldo de cana, o caldo de laranja, a Telefônica, as lojinhas de menageiros. A nova geração não sentirá muito, e talvez não sinta nada; mas para os cariocas e principalmente os provincianos de minha geração é como se fosse ser retirado, por imprestável, o velho coração da cidade.

Era ali, perto de uma banca de jornais, junto ao ponto de bonde, debaixo do relógio, ou diante de um chopinho, que a gente se encontrava com o amigo que chegara do interior. Poucas vezes para visitar algum amigo da terra, subi ao velho hotel que já conheci decadente há 25 anos atrás. Mas cada um dos três bares está eheio, para mim, de fantasmas de antigas amizades; naquelas pequenas baias telefônicas sofri torturas de escondidos amores interurbanos ou mesmo urbanos, e na calçada da Avenida tive encontros de toda espécie, os piores e os melhores.

É no mesmo dia que recebo a noticia da morte de Costa Rego e da condenação da Galeria Cruzeiro. Nunca fui da intimidade de Costa Rego, mas um velho jornalista que se vai é assim como uma grande galeria no centro — alguma coisa ligada a muitos assuntos, um centro nervoso da vida urbana e também da vida nacional. As duas noticias me envelhecem e me dão melancolia, e não quero tentar imagens, que seriam forçadas, apenas anotar esta associação inconsciente que dentro de mim, neste dia de chuva, tiveram essas notas de jornal. É uma parte de nosso mundo que se perde, esse mundo que já perdeu tanta coisa e que vai minguando na realidade e aumentando na lembrança até a hora de nosso fim. É o sentimento quase sereno de que também estamos passando, e a segurança quase consoladora de que também caminhamos para o pó.

R. B.